

**Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupí-Guaraní:
Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro e Zo'é**

CABRAL, Ana Suelly Arruda Camara
SILVA, Ariel Pheula do Couto e
SOUSA, Suseile Andrade

Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (LALI/UnB)

ariel.bsaz@gmail.com

suseunb@gmail.com

Resumo: Neste trabalho demonstramos como o caso argumentativo se expressa em três línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní: Asuriní do Tocantins e Avá-Canoeiro (sub-ramo IV) e Zo'é (sub-ramo VIII) (cf. RODRIGUES 1985; RODRIGUES E CABRAL 2002). Para Rodrigues (1996, 2001), o caso argumentativo (também chamado de caso nominal ou nominativo) flexiona temas verbais e nominais em Tupinambá para que estes desempenhem qualquer uma dentre as funções argumentais – sujeito de verbos transitivos e intransitivos, de objeto direto e de objeto de posposições. Rodrigues (2001) também mostra que, sem o caso argumentativo, lexemas verbais e nominais seriam, respectivamente, predicados, e os nomes também seriam vocativos. Contrastamos neste estudo as expressões deste caso em Tupinambá com as expressões do mesmo caso nas línguas Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL, 1998), Avá-Canoeiro e Zo'é (CABRAL, 2007). Nosso principal objetivo é demonstrar a funcionalidade do caso argumentativo nas três línguas enquanto divisor das funções argumentais e predicativas nas três línguas.

Palavras-chave: caso argumentativo; família Tupí-Guaraní; Asuriní do Tocantins; Zo'é; Avá-Canoeiro do Tocantins

1. Introdução

Neste trabalho tratamos da expressão do caso argumentativo em três línguas da família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES 1985; RODRIGUES & CABRAL 2002), pertencentes à diferentes sub-ramos: o Asuriní do Tocantins e o Avá-Canoeiro (sub-ramo IV), e o Zo'ê (sub-ramo VIII). Levamos em consideração a descrição de Rodrigues (2010 [1981], 2012 [1996], 2001) para o caso argumentativo em Tupinambá (sub-ramo III) como ponto de partida para a discussão e análise das línguas propostas. Em seguida retomamos a discussão da descrição do caso argumentativo por meio das línguas Asuriní do Tocantins (cf. CABRAL 1997 e 1998; CABRAL & RODRIGUES 2003; CABRAL et alii 2012), Zo'ê (cf. CABRAL 2007) e Avá-Canoeiro (cf. BORGES 2006), trazendo novos dados desta para ampliar a discussão.

2. O caso argumentativo e a língua Tupinambá

Para Rodrigues (1996, p.105), na língua Tupinambá nomes e verbos compartilham duas propriedades flexionais: a flexão relacional e a flexão casual. A flexão relacional (cf. RODRIGUES, 2010 [1981], 2012 [1996], 2000 e 2001; CABRAL, 1997, 2001 e 2003) consiste na marcação prefixal em nomes relativos, verbos e posposições, da contiguidade ou não contiguidade do determinante destes. A distribuição dos alomorfes desses prefixos divide os temas relativos em duas classes principais cada uma com subclasses. O prefixo relacional 1 marca no tema relativo que “o determinante precede imediatamente o determinado”, formando com este uma unidade sintática; o prefixo relacional 2 marca que “o determinante está deslocado ou omitido e é diferente do sujeito da oração”; o prefixo relacional 3, marca que “o determinante é o sujeito da oração”; e o prefixo relacional 4 marca que o determinante é humano e genérico. Reproduzimos abaixo uma tabela ilustrativa da distribuição dos prefixos relacionais em temas nominais flexionados para o caso argumentativo (RODRIGUES, 2001, p.109)¹:

	Classe Ia	Classe Ib	Classe IIa	Classe IIb	Classe IIc	Classe IId
	-akáŋ 'cabeça'	-posáŋ 'remédio'	-esá 'olho'	-úβ 'pai'	-uʔúβ 'flecha'	-ekúj 'cuia'
R ¹	∅-akáŋ-a	∅-posáŋ-a	r-esá-∅	r-úβ-a	r-uʔúβ-a	r-ekuj-a
R ²	i-akaŋ-a	i-posáŋ-a	s-esá-∅	t-úβ-a	s-uʔúβ-a	s-ekuj-a
R ³	o-akáŋ-a	o-posáŋ-a	o-esá-∅	o-úβ-a	o-uʔuβ-a	o-ekuj-a
R ⁴	∅-akáŋ-a	mosáŋ-a	t-esá-∅	t-úβ-a	∅-uʔuβ-a	∅-kuj-a

A flexão casual constitui-se de cinco sufixos mutuamente excludentes: os locativos pontual (-pe ~ ipe), difuso (-βo ~ -iβo), situacional (-i) e translativo (-amo ~ -ramo), que codificam uma função adverbial, o caso argumentativo (a- ~ ∅-); e, contrastando com estes cinco casos, o caso vocativo não marcado (-∅). Segundo o autor (2012 [1996], p.96), na língua Tupinambá, o caso argumentativo, que é objeto de nosso

¹ Cabral (2001) simplifica a glosa dos prefixos relacionais ao estabelecer R¹, R², R³, R⁴ para, respectivamente, os relacionais 1, 2, 3 e 4, os quais utilizaremos para referenciar os prefixos relacionais neste trabalho.

estudo (também chamado de caso nominal ou nominativo²). Este caso caracteriza-se por marcar tanto nomes e verbos em função de argumento, quanto por englobar as principais funções gramaticais: sujeito de verbos transitivos (A) e intransitivos (S), objeto direto (O) e objeto de posições. Com isto, para Rodrigues (2001), o caso argumentativo faz com que um nome ou um verbo, funcionando como argumento do predicado, se oponha a circunstanciais locativos, sendo que, sem esta marcação, lexemas verbais e nominais seriam, respectivamente, predicados e vocativos. Reproduzimos abaixo a tabela de Rodrigues (2001, p.108 *grifos do autor*) como forma de ilustrar o paradigma da flexão casual em temas nominais:

	-ajúr- 'pescoço'	-kuʔá- 'cintura'	-jiʔã- 'coração'
Arg.	ajúr- a	kuʔá- ∅	jiʔã- ∅
Transl.	ajúr- amo	kuʔá- ramo	jiʔã- namo
Loc. pont.	ajúr- ipe	kuʔá- pe	jiʔã- me
Loc. dif.	ajúr- iβo	kuʔá- βo	jiʔã- βo
Loc. sit.	ajúr- i	kuʔá- j	jiʔã- j

No Tupinambá o que define os verbos é o fato de somente esta categoria poder receber os “prefixos flexionais de sujeito”, que são de natureza nominativa: (a) em orações independentes ou principais não imperativas, *a-* ‘1’, *ere-* ‘2’, *já-* ‘12/4’, *oro-* ‘13’, *pe-* ‘23’, *o-* ‘3’; (b) em orações imperativas, *e-* ‘2’, *pe-* ‘23’; ou (c) em orações correferenciais, *wi-* ‘1’, *e-* ‘2’, *ja-* ‘12’, *oro-* ‘13’, *pe-* ‘23’, *o-* ‘3’. Outra característica importante de verbos, ou dos temas não-nominais, é que estes são passíveis de serem nominalizados por meio, por exemplo, dos sufixos: (a) para nomes de agente, *-ár* ~ *-án* ~ *-sár* ~ *-tár* ~ *-nár*; (b) para nomes de paciente, *-pír* ~ *-ipír* ~ *-mír* ~ *-imír*; e (c) para nomes de objeto, *-emi*.

É importante ressaltar, no entanto, como observa o Rodrigues (2001, p.114), que o sufixo de caso argumentativo não pode ser descrito como um morfema nominalizador tanto por conta de fazer parte de um paradigma flexional juntamente com quatro outros sufixos casuais, quanto por co-ocorrer com todos os sufixos derivacionais nominalizadores já que o nome produto da nominalização requer um sufixo de caso para que possa funcionar como argumento na oração. Listamos abaixo alguns exemplos da língua Tupinambá que ilustram a distribuição da expressão do caso argumentativo para além dos contextos supracitados, extraídos de Rodrigues (2001 e 2012 [1996]):

Com temas nominais

Em compostos genitivos

sje *r-uʔuβ-uru-∅*
1 R¹-flecha-recipiente-ARG

²Seki (2000, p.107-109) considera o caso argumentativo como “caso nuclear”, servindo para relacionar o nome a outro elemento na locução, ou ao predicado na oração”. Marcaria, em Kamaiurá, as funções de “sujeito de predicados verbais e não-verbais”; “objetos de verbos e posições; modificador (possuidor) na locução genitiva; complemento de cópula; predicado nominal”; e “um nome marcado por outro nome não possível, ou possuído prefixado com um marcador de possuidor indefinido de terceira pessoa”.

“meu carcaz”

jaʔwar-aʔir-a
onça-filho-ARG
“filhote de onça”

Em compostos adjetivos

sje r-uʔuβ-a r-uru-∅
1 R¹-flecha-ARG R¹-recipiente-ARG
"um recipiente para as minhas flechas"

jaʔwar-a r-aʔir-a
onça-ARG R¹-filho-ARG
"o filhote da onça"

Em demonstrativos

<i>kwéj</i>	‘aquele visível’	<i>ʔáŋ</i>	‘este’
<i>kwéj-pe</i>	‘lá visível’		
<i>kwéj-βo</i>	‘por lá visível’		
<i>kwéj-a</i> ou <i>kwéj-βaʔe</i>	‘aquele, aquilo visível’	<i>ʔaŋ-a</i>	‘este, isto’

Com temas verbais

<i>-kér</i>	“dormir”		
<i>-kér-a</i>	“o dormir	<i>né kér-a ajpotár</i>	‘quero o teu dormir’
<i>-kér-ipe</i>	no dormir’	<i>asepjiák sjé kér-ipe</i>	‘eu o vi no meu dormir (em certo momento de meu sonho)’
<i>-úr</i>	‘vir’		
<i>-úr-a</i>	‘a vinda’	<i>sjé maʔənwár né rúr-a ri</i>	‘eu me lembro de tua vinda’
<i>-awsúβ</i>	‘amar’		
<i>-awsúβ-a</i>	‘o amar’	<i>sjé maʔənwár né sjé rawsúβ-a resé</i>	‘lembro de que me amais’, ‘lembro-me de teu me amar’

Em temas verbais nominalizados

<i>juká-sár</i>	<i>Jukasár-a</i>	‘matador’
<i>juká-sáβ</i>	<i>Jukásáβ-a</i>	‘lugar, onde, tempo quando, instrumento com que, modo como, razão por que se matou’
<i>i-juká-pir</i>	<i>ijukápir-a</i>	‘o morto (matado)’
<i>sjé r-emi-juká</i>	<i>sjé remijuká-∅</i>	‘o morto por mim’, ‘o que eu matei’
<i>i-awasá-βaʔé</i>	<i>iawasáβaʔé-∅</i>	‘os que têm amantes’

Em função de A

kwesé pajé-∅ *maʒeasiβor-a ∅-suβán-i*
ontem pajé-ARG o.doente-ARG R¹-chupar ritualmente-IND.II
"ontem o feiticeiro chupou ao enfermo"

Em função de S

tapiʒír-a *o-so* *ók-a* *∅-kotí*
vaca-ARG 3-ir casa-ARG R¹-para.o.lado.de
"as vacas foram para a banda das casas"

Em função de O

sjé *r-úβ-a* *t-oβajár-a* *ja-∅-ʒú*
1 R¹-pai-ARG R⁴-adversário-ARG 3-R²-comer
"os contrários comeram meu pai"

a-j-potár *ne* *∅-só-∅*
1-R²-querer 2 R¹-ir-ARG
"quero que você vás"

Em função de complemento de posição

t-úβ-a (...) *∅-ʒekatwáβ-a* *∅-kotí* *s-en-i*
R⁴-pai-ARG R¹-mão.direita-ARG R¹-para.o.lado.de R²-estar sentado-LOC.SIT.
"ele está sentado a mão direita do pai"

sjé r-orí-katu *ne r-úr-a* *∅-ri*
1 R¹-alegria-bondade 2 R¹-vir-ARG R¹-por
"eu me alegro muito pela vinda de você"
(ou: por você ter vindo, ou: porque você veio)"

Em predicados possessivos³

sjé ∅-arij-a s-oríβ ‘minha avó tem alegria’, ‘minha avó está alegre’
apiáβ-a i-maraʒár ‘o homem tem uma doença’, ‘o homem está doente’
sjé r-ekúj-a i-péβ ‘minha cuia é rasa’

sjé r-oríβ ‘tenho alegria’
né ∅-maraʒár ‘tens uma doença’
sjé r-ekújpéβ ‘tenho uma cuia rasa’

Em predicados equativos⁴

³Expressos pela sequência de um nome no caso argumentativo, o qual é sujeito, e outro nome sem caso, flexionado pelo prefixo R², o qual é predicado; ou por meio dos pronomes determinativos, integrando o predicado (*op. cit.*).

<i>kóapiaβ-a sjé r-úβ-a</i>	‘meu pai é este homem’
<i>Iporoseʔð-ø sjé r-ér-a</i>	‘meu nome é Iporoseʔð’
<i>sjé r-ér-a kururúpéβ-a</i>	‘Cururupeba (Sapo Chato) é o meu nome’
<i>Jetuʔú r-aʔír-a isé</i>	‘eu sou filho de Jetuʔú’
<i>jáʔwár-a jukásár-a</i>	‘eu é que mato onças’
<i>Jáʔwár-a jukasáβ-a sjé ø-kísé-ø</i>	‘minha faca é o instrumento de matar onça’
<i>Mój-a ijukápir-a</i>	‘a cobra foi morta’

Em predicados existenciais⁵

<i>øaóβ</i>	‘há roupas’
<i>mókaβ</i>	‘há armas de fogo (instrumentos de estourar pertences humanos)’
<i>toβajár</i>	‘há os inimigos (adversários de gente)’
<i>akarápéβ</i>	‘há acarás chatos’

Caso vocativo não marcado

<i>sje r-uβ-ø</i>	<i>we</i>
1 R ¹ -pai-VOC	ó
"ó meu pai!"	

3. O caso argumentativo em Asuriní do Tocantins

A língua Asuriní do Tocantins é falada no estado do Pará, por cerca de 500 indivíduos, sendo que destes aproximadamente somente uma centena possui o conhecimento da variedade mais conservadora da língua (cf. CABRAL et alii, 2012, p.7). Apresentamos abaixo a descrição do funcionamento do caso argumentativo nesta língua, por meio dos trabalhos de Cabral (2000), Cabral et alii (2012) e Cabral e Rodrigues (2003), pois, conforme Cabral (2000), outros autores, como Jensen (1998), consideram que nesta língua as formas fonológicas correspondentes ao que Rodrigues (1996) chama de caso argumentativo são “realizações cristalizadas dos temas nominais da língua, com ocorrência em temas para os quais ‘falta um contexto sintático’”, enquanto a marcação de caso, para Cabral (*op. cit.*) seria na verdade uma exigência da sintaxe desta língua.

Para Cabral (2000), a flexão de caso existente em Asuriní do Tocantins, corresponde à flexão de caso descrita para a língua Tupinambá, tal qual fora descrito por Rodrigues (1996). A língua Asuriní do Tocantins possui então cinco sufixos flexionais casuais: *-a* ~ *-ø* ‘caso argumentativo’; *-amo* ~ *-ramo* ‘caso translativo’; *-pe* ~

⁴Expressam “uma equação entre dois argumentos, [e] têm por núcleo um nome no caso argumentativo, o qual normalmente precede o sujeito (igualmente no argumentativo)” (*op. cit.*).

⁵Para Rodrigues (2001, p.111), em Tupinambá não existem verbos copulativos nem partículas copulativas. Neste caso, predicados existenciais são expressos nesta língua pelo nome sem marca de caso.

ype ‘caso locativo pontual’ e *-mo ~ -ymo* ‘locativo difuso’ e *-i* ‘caso locativo situacional’, sendo que estes dizem da função de nome desempenhada por um tema nominal ou verbal em uma frase. Neste sentido, a flexão casual contrastaria com o sufixo *-ø* para o vocativo.

Assim como em Tupinambá, a língua Asuriní marca o caso argumentativo em temas lexicais verbais e nominais em funções argumentais de sujeito, de objeto direto, de possuidor ou elemento possuído em construções genitivas, ou em função de complemento de posposição. Para Cabral (2012, p.29) o caso argumentativo possui em Asuriní dois alomorfes: *-ø* em temas terminados por *e, a, ə*, e *-a* em temas terminados pelas demais vogais ou consoantes.

Nesta língua, assim como em Tupinambá, a nominalização de temas verbais transitivos e intransitivos é bastante produtiva enquanto processo derivativo, como por exemplo a criação de nomes de agente e de circunstância, sendo que, todo tema nominalizado recebe necessariamente flexão casual e flexão relacional. Sem os sufixos de flexão casual, temas verbais e nominais assumiriam a função de predicado. Ilustramos abaixo a distribuição do caso argumentativo em Asuriní por meio de exemplos de Cabral e Rodrigues (2003) e Cabral (2012):

Em temas nominais

sé r-ená-ø ‘meu lugar’

kosó-a ‘a mulher’

né ø-hem-a ‘teu sair’

tatóa r-apé-ø ‘o caminho do tatu’

Em temas verbais

Produtos de nominalizações

h-up-áw-a ‘a rede dele’

h-era-há-tár-a ‘o que leva’

h-emi-’u-a ‘a comida/caça dele/dela’

Em função de S

o’ó akasá-ø ‘ele come taperebá’

Em função de A

kosó-a ka’í-a wesáng ‘a mulher viu o macaco’,

Em função de O

akwahám né ø-són-a ‘eu sei de tua corrida’, ‘eu sei que você correu’;

kosó-a ka’í-a wesáng ‘a mulher viu o macaco’,

Em função de objeto de posposição

amaná mo ’ýr-a kosó-a ø-opé ‘eu dei um colar para a mulher’.

Em predicados possessivos

kosó-a ø-memýr-a i-aró ‘a filha da mulher é bonita’

Em predicados existenciais

sawár-a r-uáj ‘a onça tem rabo’

h-urým ‘(ele) tem alegria’

u-hém ‘ele sai’

4. O caso argumentativo em Zo’é

A língua Zo’é é falada por aproximadamente 270 pessoas (cf. CABRAL, 2013, p. 45-57), ao norte do estado do Pará, na Terra Indígena Zo’é. Nesta língua, conforme Cabral (2007, p.254), lexemas processuais podem perder seus traços categoriais de verbo, combinando-se com marcas relacionais, recebendo então traços nominais; enquanto lexemas substanciais nunca perdem sua caracterização nominal. Para a autora (*op. cit.*, p.250), os lexemas que exprimem entidades, os “nomes inerentes”, somente podem ser núcleos de predicados se estes não forem verbais. No entanto, segundo a autora, estes são os lexemas que naturalmente exercem as funções sintáticas de argumento – sujeito, objeto direto, e objeto de posposição (cf. Rodrigues 1996, 2001).

Nestas funções, estes temas combinam-se com o caso morfológico argumentativo. Para Cabral (*op. cit.*), seus alomorfes são *-a ~ -i (-y) ~ -ø*, que, no entanto, podem ser suprimidos “quando a palavra seguinte começa por vogal, ou quando o tema flexionado encontra-se em final de enunciado ou tem *j* no final da raiz”, ou ainda em temas terminados em *r* seguidos por palavra iniciada em *rV*. Reproduzimos abaixo exemplos da expressão e distribuição do caso argumentativo e dos seus alomorfes em Zo’é, consoante Cabral (2007, p.250-2):

Temas nominais

<i>'ãg-a</i>	<i>Kurú-ø</i>	<i>ø-hý-ø</i>	<i>ijí</i>	<i>Kurú-ø</i>	<i>i-kywý-rabũ</i>
esta-ARG	kurú-ARG	R ¹ -mãe-ARG	1	kurú-ARG	R ¹ -irmão.de.mulher-TRANS

<i>'ãg-a</i>	<i>ji</i>	<i>e</i>	<i>ø-bebýr-a</i>	<i>dowẽ</i>
esta-ARG	1	1	R ¹ -filho/a.de.mulher-ARG	também

‘esta é a mãe de Kurú, eu, essa, a de quem Kurú está na qualidade de irmão, é minha

filha também'

Temas verbais

a'é tenãna e ø-didér-a
 esse somente 1 R¹-cantar-ARG
 'esse somente é o meu canto'

Em função de sujeito

kurirí jawár-a o-kwá ãj r-upí
 tempo.decorrido onça-ARG 3-passou lá R¹-por
 'faz tempo a onça passou por lá'

waté tenãna bój-uhú-ø o-kwá
 no.alto só cobra-INTENS-ARG 3-passar
 'só no alto a cobra grande passou'

e ø-awú-ø opá+radē
 1 R¹-fala-ARG 3.acabar+já
 'minha fala já acabou'

ø-bieráj-ywãd-a kã opá 'é
 R⁴-brincadeira-ORIG-ARG COLL 3.acabar-se ENF
 'os da brincadeira acabaram-se todos mesmo!'

Em função de objeto direto

ø-e'ẽ-uhú-ø a-bosúk
 R⁴-doce-INTENS-ARG 1-chupar
 '(o) muito doce eu chupo'

e ø-akãg-a e-mõn
 1 R¹-cabeça-ARG 2-coçar
 'coce minha cabeça!'

Em função de complemento de posposição

tajahú-ø ø-juké-ø r-ehé ø-pitú
 porcão-ARG R¹-matar-ARG R¹-em.rel.a 3-untar/pintar

tajahú-ø ø-juké-ø r-ehé
 porcão-ARG R¹-matar-ARG R¹-em.rel.a
 'com respeito ao matar porcão, ele se pintou, com respeito ao matar porcão'

Em predicados existenciais

e \emptyset -*bebýr-a*
1 R¹-filho/a.de.mulher-ARG
'(é/existe) filho/a (de mulher) (com respeito a) mim' ou 'é meu filho'

e \emptyset -*bebýr-a* *ruã*
1 R¹-filho/a.de.mulher-ARG NEG
'não (é/existe) filho/a (de mulher) (com respeito a) mim' ou 'não é meu filho'

5. O caso argumentativo em Avá-Canoeiro do Tocantins⁶

A língua Avá-Canoeiro do Tocantins⁷, é falada atualmente por 6 pessoas localizadas ao norte de Goiás, na Terra Indígena Avá-Canoeiro. Neste estudo, trazemos dados de falantes Avá-Canoeiro ainda monolíngues, pertencentes à faixa II, de 50 a 60 anos. Vale ressaltar, conforme discutido por Cabral et alii (2008), a dificuldade encontrada ao se trabalhar linguisticamente com povos de contato recente, sobretudo monolíngues e em vias de desaparecimento, haja vista a peculiaridade da pesquisa, sobretudo quanto à dificuldade de se elicitar dados por meio de questionários e listas de palavras, e ao imperativo do pesquisador de se encontrar dentro do contexto de produção de fala, isto é, em interação constante com o grupo, junto do qual realiza a pesquisa. Isto, de fato, requer certa fluência do pesquisador na língua que estuda, e, na ausência desta, retarda a compreensão de determinadas estruturas linguísticas mais complexas.

Borges (2006, p.118), nos estudos que realizou junto aos Avá-Canoeiro do Tocantins e do Araguaia, sobretudo com falantes mais jovens, considera que, nesta língua, o caso nuclear – tratado por nós como caso argumentativo – “identifica uma palavra como pertencente à classe “nome” na língua”, marcando as funções de nome em: “sujeitos de verbos intransitivos ativos e descritivos (Sa e So)”; “sujeitos de verbos transitivos (A)”; “objetos diretos (O)”; “complementos da cópula *eko ~ iko* ‘ser, estar’”; “modificadores (possuidores) em construções possessivas”; “objetos das posposições”; e em “predicados nominais”. Realiza-se, nesta língua, por meio dos alomorfes *-a* ou *- \emptyset* ,

⁶ Esta pesquisa pertence à um projeto de pesquisa maior sobre a gramática da língua Avá-Canoeiro do Tocantins, intitulado “Elementos Lexicais, Gramaticais e Discursivos da Língua Avá-Canoeiro em uma perspectiva diageracional”, ou seja, privilegiando faixas etárias rotuladas por Silva (2012) de faixa etária I (80-90 anos), faixa etária II (50-60), faixa III (20-30) e IV (0-5). Este Projeto está em colaboração com o projeto *Assessoria linguística junto aos Avá-Canoeiro*, iniciado em 2012 e projetado para até 2014, que busca realizar: (a) um estudo linguístico e documentação da língua Avá-Canoeiro; (b) uma análise sociolinguística do uso das línguas Avá-Canoeiro e portuguesa objetivando a elaboração de um programa de ensino bilíngue que respeite a especificidade e diferença do grupo; e (c) a criação de materiais em Avá-Canoeiro e bilíngues em Avá-Canoeiro e português para serem utilizados tanto pelos Avá-Canoeiro quanto por funcionários de instituições que atua junto à estes.

⁷ Não iremos nos ater neste estudo à variedade diatópica do Avá-canoeiro do Araguaia, cujos falantes se localizam ao sul de Tocantins. Segundo Rodrigues (2013), estes dois grupos se separaram há aproximadamente 160 anos, possuindo já, segundo Borges (2006), variações na fonologia e morfossintaxe. Estas duas variedades carecem ainda de um estudo mais profundo de suas peculiaridades e variações, sendo que, até o momento, somente um estudo linguístico foi feito (cf. BORGES, 2006), contemplando em sua maioria a variedade diageracional dos falantes mais jovens de ambas variedades diatópicas do Avá-Canoeiro.

“seguindo tanto nomes terminados em consoantes [...] quanto vogais” (*op. cit.*, p.118-119). No entanto, a autora considera que o sufixo *a-* do Avá-Canoeiro encontra-se lexicalizado em determinadas palavras, preferencialmente em dissílabos ou trissílabos, e palavras terminadas em *r*, estando a cristalização relacionada ao deslocamento do acento da língua, da última para a penúltima sílaba. A autora (*op. cit.*, p.123) considera, no entanto, que a marca *-a* é obrigatória quando da necessidade em se diferenciarem sintagmas nominais possessivos e orações possessivas, conforme os exemplos abaixo (*op. cit.* mantemos a glosa original):

Sintagmas Nominais Possessivos

tʃi=r-etam-a

[,tʃiɾe'thãmə]

1=REL-casa-CN

‘minha casa’

tapira-φ=ete φ-memik-a

[tʰə.piri'thɛ 'mẽmikə]

anta-CN=part REL-filho-CN

‘A vaca tem bezerrinhos (filhotes)’

Orações Possessivas

tʃi=r-etam-φ

[,tʃiɾe'thãm]

1=REL-casa-CNM

‘eu tenho casa’

tapira-φ=ete i-memik-φ

[tʰə.piri'thɛ i'mẽmik]

anta-CN=part 3-filho-CNM

Silva (2012) no âmbito do projeto *Assessoria Linguística aos Avá-Canoeiro*, observou que, assim como em Tupinambá (cf. RODRIGUES, 2001, p.114), em Avá-Canoeiro os nomes se diferenciam dos verbos por estes receberem prefixos de sujeito, assim como em Tupinambá (RODRIGUES, 1996), funcionando como argumentos quando recebem flexão de caso, e como núcleos de predicados quando não recebem marca casual. O caso argumentativo serve, nesta língua, para sinalizar quando um tema nominal ou verbal exerce a função de S(ujeito), A(gente), O(bjeto) ou O(bjeto) de P(osposição). Silva (em preparação) observou que, por conta do deslocamento do acento para a sílaba à direita na grande maioria das raízes da língua, o ambiente fonológico de expressão do alomorfe *-a* encontra-se reduzido, mas que, no entanto, mantém-se na língua a existência dos alomorfes *-a*, diante de consoantes, e *-φ*, diante de vogais, como exemplificado abaixo:

(_C) -a

Em temas nominais relativos

<i>ϕ-ok-íp</i>		<i>ϕ-ók-a</i>
[ɔ:'kiw]		['ɔ:qɐ]
R ² -casa-LOC.PONT		R ² -casa-ARG
'para a casa (dele)'		'a casa (dele)'

<i>maniok-a</i>	<i>ϕ-pilik-a</i>
[,ma:ni'ɔkɐ]	'pi:likɐ]
mandioca-ARG	R ¹ -casca-ARG
'a casca de mandioca'	

<i>piqáw-ϕ</i>	<i>ϕ-áw-a</i>
[,pi'qa:ɔ]	'a:wɐ]
esp.de.pombo-ARG	R ¹ -pena-arg
'a pena do pombo'	

ϕ-áw-a
 ['a:wɐ]
 R²-pena-ARG
 'pena dele (do pombo)'

ita-nái-péw-a
 [,i:tɛ'na:jpɐwɐ]
 pedra=panela=chato-ARG
 'o prato'

tʃi ϕ-píp-áw-a
 [,tʃipɪ'pa:wɐ]
 I=R¹-pé-NOM.CIRC.-ARG
 'meu calçado (instrumento ou lugar do meu pé)'

Em temas nominais absolutos

tamanow-a
 [,tamɛ'no:wɐ]
 tamanduá-ARG
 'o tamanduá'

taíw-a
 [,ta:'iɐwɐ]
 esp.de.formiga-ARG
 'a formiga'

iwain-a
 [i:'wa:ĩɐ]
 côco-ARG
 'o coco'

parán-a
[,pa'vẽ:ne]
Rio-ARG
'o rio'

tapil-a
[ta'pi:lɛ]
anta-ARG
'a anta'

maniok-a
[ma:ni'ɔkɛ]
mandioca-ARG
'a mandioca'

(_ V) - \emptyset

ká-pe
['k^ha:pɛ]
mato-LOC.PONT
'para o mato'

ká- \emptyset
['k^ha:]
mato-ARG
'o mato'

i-pépu- \emptyset
[,i:'pe:pʊ]
R²-pena.da.asa-ARG
'a asa do pombo'

ipéku- \emptyset
[,i:'peku ~ ,i:peko]
pato-ARG
'o pato'

panamo- \emptyset
['pɛ̃nɛ̃mʊ]
borboleta-ARG
'a borboleta'

*taiw-*ku*- \emptyset*
[,ta:iw'ku:]
esp.de.formiga-INTENS-ARG
'a formiga'

*tamanuaw-*ku*- \emptyset*
[,tamɛ̃nʊ'awɔ]
Tamanduá-INTENS-ARG
'o tamanduá bandeira'

mi^{ku}ni- \emptyset
[,mi:ku:ni]
lagartixa-ARG

‘a lagartixa’

k^wati-∅

[ˈq^wa:tʃi]

quati-ARG

‘o quati’

kaj-∅

[ˈq^ha:j]

macaco.prego-ARG

‘o macaco prego’

zoti-∅

[zɔtʃi]

jaboti-ARG

‘o jaboti’

zuj-∅

[ˈzu:j]

sapo-ARG

‘o sapo’

tapitʃi-∅

[ˌta:ˈpi:tʃi]

coelho-ARG

‘o coelho’

Em função de sujeito

amin-a

[ˌa:mĩnɐ]

chuva-ARG

‘a chuva se foi totalmente, acabou’

o-za-ai

[oˈdza:i]

3-ir-ASP.COMPL.

i-memib-a

[iˈmẽmibɐ]

R²-filho.de.mulher

‘o filho dele(a) nasceu’

o-abi

[oˈa:bi]

3-nascer/cair

avakabi-∅

[aːvɛqa:bi]

galinha-ARG

‘a galinha morreu’

o-mano

[oˈmẽ:nu]

3-morrer

Em função de complemento de posposição

o-máe

[oˈmae]

aw-a

[aˈwɐ]

∅-re

[ɐ]

3-olhar gente-ARG R¹-POSP
'ele olhou por/com respeito à alguém'

Em Predicados possessivos

ók-a *i-zía-te*
['ɔ:qɐ ,i:ziã'tʰɛ]
casa-ARG R²-alto-verdadeiro
'a casa é muito alta'

*Em predicados existenciais*⁸

aw-a *ø-kay*
[,a:'wa: 'qʰɛŋ]
gente-ARG R²-osso
'é/existe osso de gente'

pikaw-ø *i-pepu*
[,pi'qaw ,i:pep̃]
esp.pombo-ARG R²-asa
'é/existe a asa do pombo'

píqáw-ø *ø-áw*
[,piqa:ʊ 'a:w]
esp.de.pombo-ARG R²-pena
'é/existe a pena do pombo'

Caso vocativo

Tui-a ['tu:ɾɛ] nome.próprio-ARG 'a Tuia'		Tui-ø ['tu:i] nome.próprio-VOC 'Tuia!'
---	--	---

tʃi ø-milai-ø
[tʃimĩla:j]
I=R¹-neta-VOC
'(isso não tem,) minha neta'

e ak^wakunu-ø we
[,e: a'q^wa:ʋõnʊ 'wɛ]
este preto-VOC ó
'este, ó/eis o preto (a cor)'

⁸ Assim como em Tupinambá (RODRIGUES VER), em Avá-Canoeiro os predicados existenciais se expressam pela não marcação de caso em nomes.

6. Algumas Considerações

À partir das discussões levantadas, consideramos produtivo, como já havia sido observado por Silva (em preparação) o caso argumentativo na língua Avá-Canoeiro. Neste sentido, é fundamental ater-se aos ambientes fonológicos de realização de seus alomorfes, bem como para a função do caso argumentativo na diferenciação de argumentos e predicados de orações. Levamos então em consideração neste estudo, a discussão sobre as categorias nome e verbo nas línguas estudadas, com o fim de tratar da marcação do mesmo tanto em temas nominais substanciais, descritivos ou dêiticos, quanto em temas verbais, inclusive quando nominalizados. Assim sendo, o caso argumentativo possui o papel fundamental de sinalizar as funções sintáticas de sujeito, tanto de verbos intransitivos (S) quando transitivos (A); de objeto (O); e de objeto de posições (OP); ocorrendo também em predicados possessivos, contrastando com predicados existenciais ou construções no modo vocativo.

7. Referências Bibliográficas

BORGES, Monica Veloso. **Aspectos fonológicos e morfossintáticos do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2006.

CABRAL, Ana Suelly. A. C. **Prefixos relacionais em Asuriní do Tocantins**. MOARA, Belém, PA, v. 8, 1997.

_____. **Aspectos da marcação de caso no Asuriní do Tocantins**. Síntese, *Anais do XIII Congresso da ANPOLL*. Niterói, RJ: Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 1998. In: CR-ROM do XIII Congresso da ANPOLL, Campinas, SP, 2000.

_____. **Flexão Relacional na família Tupí-Guaraní**. Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Fortaleza, v. 25, p. 233-262, 2001.

_____. **As categorias nome e verbo em Zo'é**. In: CABRAL, Ana Suelly. & RODRIGUES, Aryon (orgs.), *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2007.

_____. **CENSO POPULACIONAL Zo'é 2013**. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. *Uma escrita para a língua Zo'é*. Brasília, DF: LALI/UnB, 2013.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; MAGALHÃES, Marina M. S.; OLIVEIRA, Sanderson de C, S. de; ARAGON, Carolina C.. **Pesquisa linguística junto a grupos indígenas brasileiros de contato recente**. In: *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB)*, v. 1, p. 1-12, 2008.

CABRAL, Ana Suelly A. C. ; RODRIGUES, Aryon Dall'igna . **Dicionário Asuriní do Tocantins - Português**. 1. ed. Belém, PA: UFPA/IFNOPAP e UnB/IL/LALI, 2003. v. 1. 267p .

CABRAL, Ana Suelly A. C. ; LOPES, Jorge D. ; SILVA, Ariel P. C. e ; SOUSA, Suseile A.. **Esboço gramatical do Asuniní do Trocará**. In: CABRAL, Ana Suelly (orgs.) et al. *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins: Projeto*

Piloto para a Metodologia Geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012.

JENSEN, Cheryl. **Comparative Study: Tupí-Guaraní**. In: D. Derbyshire & G. K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian Languages*, 4, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. **A Estrutura do Tupinambá**. [1981]. In: *Línguas e Culturas Tupí - Volume 2*. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Rodrigues, Aryon Dall'Ígna (Orgs.). . . Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2010.

_____. **Argumento e Predicado em Tupinambá**. Boletim ABRALIN, 19: 57-66, 1996.

_____. **Relações Internas Na Família Linguística Tupi-Guarani**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 1985.

_____. **Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê**. ABRALIN (Curitiba), Fortaleza, CE, v. 25, p. 219-231, 2000.

_____. **Sobre a natureza do caso argumentativo**. In: QUEIXALOS, Francesc (resp.), *Des Noms et des Verbes en Tupí-Guaraní: État de la Question*. Studies in Native America Linguistics. München: LINCOM Europa, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. & CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. **Revedo a classificação da família Tupí-Guaraní**. In: CABRAL, Ana Suelly & RODRIGUES, Aryon (orgs.), *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Editora UFPA, 2002.

RODRIGUES, Patrícia de M.. **Os Avá-Canoeiro do Araguaia e o tempo do cativoiro**. In: *Anuário Antropológico/2012-I*, 2013, p.83-137. Disponível em <[http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202012 I/Os Ava-Canoeiros do Araguaia e o tempo de cativoiro %20Patricia.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202012%20I/Os_Ava-Canoeiros_do_Araguaia_e_o_tempo_de_cativoiro_%20Patricia.pdf)>, última visualização em nov. de 2013.

SEKI, L. **Gramática Kamaiurá- Língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2000.

SILVA, Ariel P. C. e. **Assessoria linguística junto aos Avá-Canoeiro**. Projeto de Pesquisa, 2012. (m/s).

_____. **Revisitando a fonologia da língua Avá-Canoeiro do Tocantíns**. (em preparação).